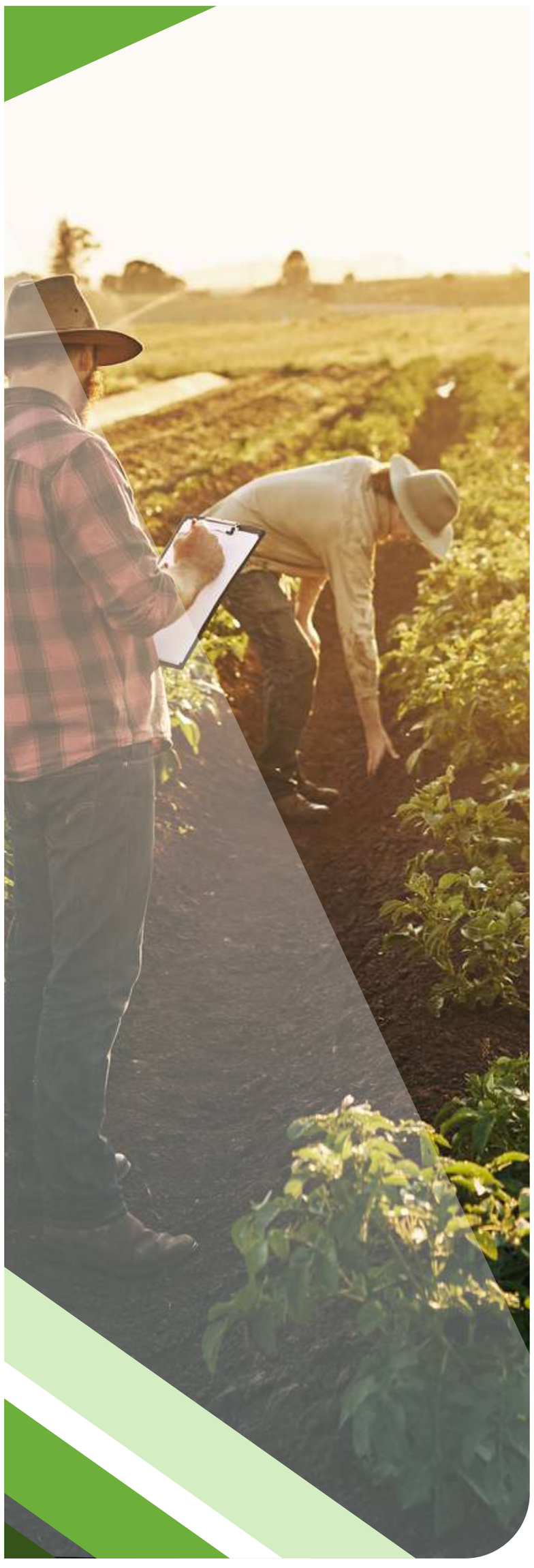
AGROTIMES

Como começar a investir em empresas do agro?



Caro leitor,

O agronegócio é um dos pilares da economia brasileira — e também um setor cada vez mais presente na bolsa de valores

Em 2025, esse segmento deve representar **29,4% do Produto Interno do Brasil (PIB)**, segundo dados da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).

Ainda segundo o Cepea, o agro **emprega cerca de 28,2 milhões de pessoas**, representando **26% do total do país**. Em 2024, o **Valor da Produção Agropecuária (VBP) atingiu R$ 1,35 trilhão**, sendo R$ 886,6 bi em agricultura e R$ 460,8 bi em pecuária.

Mesmo com estes números expressivos, o **IAGRO (Índice de Ações do Agronegócio) da B3 representa apenas 12%** (R$ 500 bilhões até 18 de julho) do valor de mercado da bolsa brasileira.

Essa fatia ficou ainda menor após a saída da gigante **JBS (JBSS3)**, que agora passa a ser negociada na Bolsa de Nova York (NYSE).

Eu costumo brincar que o brasileiro médio sente dor quando ouve a palavra “agro”. Afinal, apesar de sua importância, o setor sofre com a sua alcunha de “vilão”.

É fato que o agronegócio global responde por cerca de **23% a 25% das emissões de gases de efeito estufa (GEE)**, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU) para Agricultura e Alimentação (FAO), ficando atrás dos setores de Energia (35%) e Indústria (21%), mas à frente do Transporte (21%).

Mas também é fato que o agro é **um dos pilares da transição energética**, sendo vital para o cumprimento das principais metas do Acordo de Paris, como a redução de 50% das emissões até 2030, o Net Zero até 2050 e a contenção do aumento da temperatura média global em até 1,5 °C.

Essa contribuição passa pelos **biocombustíveis** que substituem os fósseis, pelo **melhoramento genético do gado**, pela **recuperação de pastagens degradadas e florestas**, pelo uso eficiente de fertilizantes e pela **agricultura regenerativa.**

Outros fatos sobre o agronegócio global incluem:

- **80% da produção** mundial de alimentos vêm do setor;
- **570 milhões de propriedades rurais** abastecem a produção agrícola do planeta, desde pequenos agricultores até grandes produtores;
- **70% dos alimentos consumidos** localmente em países em desenvolvimento são produzidos por pequenos agricultores familiares.

Em evento recente, o CEO da **Boa Safra (SOJA3)**, Marino Colpo, disse que o agronegócio enfrenta o que ele chama de **“terceira onda”**: a aproximação do setor com o mercado de capitais, após a duas primeiras ondas, que trouxe crédito para o segmento por meio de bancos públicos e privados.

Ao **Money Times**, o executive chairman da **3Tentos (TTEN3)**, Luiz Osório Dumoncel, disse “sonhar” com uma maior proximidade entre a Faria Lima e o agronegócio.

A realidade é que os instrumentos como Certificados de Recebíveis do Agronegócio **(CRAs)**, Letras de Crédito do Agronegócio **(LCAs)**, Fundo de Investimento nas Cadeias Produtivas Agroindustriais **(Fiagros)** e **FIDCs** já começam a traduzir esse movimento.

Juntos, eles representam cerca de 50% do financiamento privado do setor.

Outra iniciativa importante para um futuro mais sustentável vem da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que determinou a obrigação das empresas listadas no Ibovespa a apresentarem **relatórios anuais de sustentabilidade** a partir de 2026, conforme as normas da International Financial Reporting Standard (IFRS).

Mas o setor representa mais solução e oportunidade para o país e o mundo do que problemas.

A ideia desse e-book, que surgiu ainda em 2023 e se materializa agora, é apresentar cada uma das **teses do agronegócio** e ajudar você, investidor, a entender melhor as dinâmicas das empresas do setor mais representativo da economia brasileira.

Por conta das suas particularidades, separamos as empresas em 4 categorias. São elas:

- **Frigoríficos:** JBS (JBSS32), Minerva (BEEF3), BRF (BRFS3) e Marfrig (MRFG3);
- **Usinas:** Raízen (RAIZ4), Cosan (CSAN3), Jalles Machado (JALL3) e São Martinho (SMTO3);
- **Papel e embalagens:** Suzano (SUZB3), Klabin (KLBN11) e Irani (RANI3);
- **Agrícolas e outras empresas:** Kepler Weber (KEPL3), 3Tentos (TTEN3), AgroGalaxy (AGXY3), M. Dias Branco (MDIA3), Boa Safra (SOJA3), SLC Agrícola (SLCE3), BrasilAgro (AGRO3) e Rumo (RAIL3).

Esperamos que esse e-book sirva como guia introdutório para quem deseja se familiarizar com as empresas do agro e acompanhar o setor com mais atenção e entendimento.

Boa leitura!

Você sabia?



- O agro deve representar **29,4% do PIB brasileiro** em 2025.
- **Emprega 28,2 milhões de pessoas** — 1 em cada 4 trabalhadores.
- Em 2024, o setor movimentou **R$ 1,35 trilhão em produção.**
- Ainda assim, representa **só 12,37% do valor de mercado da B3.**
- O agro responde por até **25% das emissões globais de CO_2**, mas é peça-chave na transição energética.
- **570 milhões de propriedades rurais** abastecem o mundo.
- **70% dos alimentos consumidos** localmente em países em desenvolvimento vêm de pequenos produtores.

SUMÁRIO

EMPRESAS 6

FRIGORÍFICOS 8

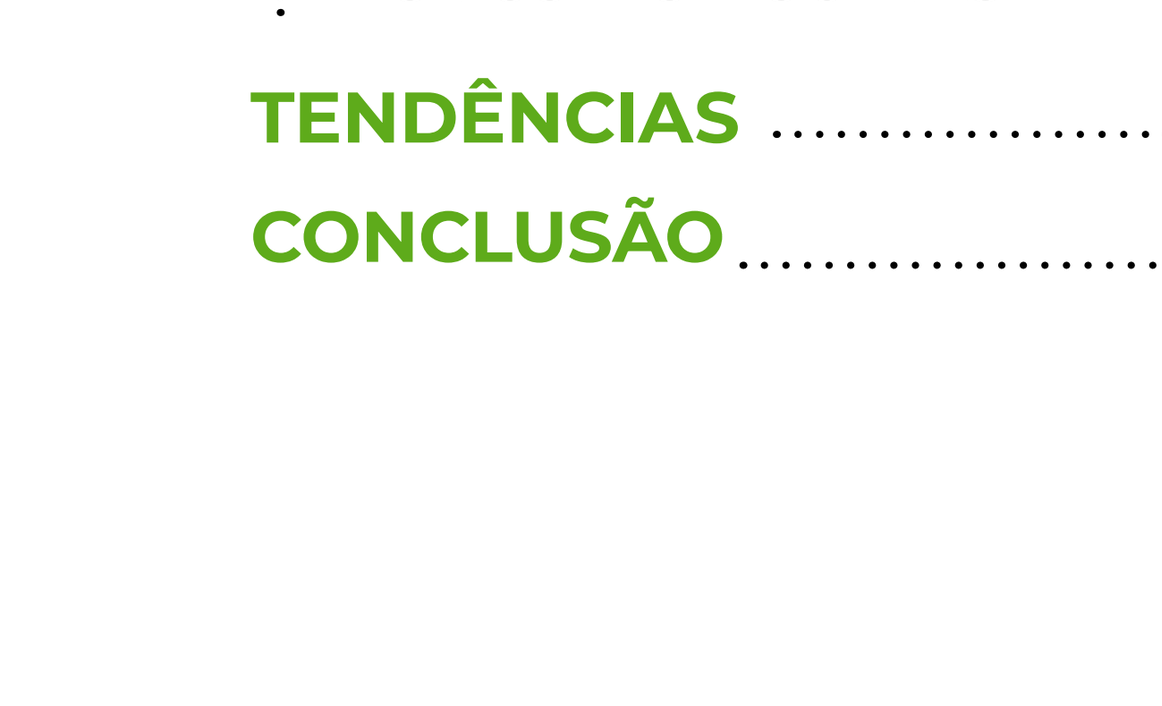
USINAS 13

PAPEL E EMBALAGENS 19

AGRÍCOLAS E OUTRAS EMPRESAS 24

TENDÊNCIAS 37

CONCLUSÃO 41







EMPRESAS

Empresa	Ticker	Segmento	Valor de Mercado	Acionistas Principais
JBS	JBSS32	Frigorífico	R$ 86,57 bi	JBS Participações (48,34%), BNDESPAR (20,34%)
Minerva	BEEF3	Frigorífico	R$ 5,20 bi	VDQ Holdings (29,08%), SALIC (24,50%)
BRF	BRFS3	Frigorífico	R$ 36,53 bi	Marfrig (51,44%), SALIC (11,03%)
Marfrig	MRFG3	Frigorífico	R$ 19,85 bi	Controladores (72,22%)
Raízen	RAIZ4	Usina	R$ 2,30 bi	Grupo de Controle (88%)
Cosan	CSAN3	Usina/Energia	R$ 12,88 bi	Grupo de Controle (36,02%)
Jalles Machado	JALL3	Usina	R$ 1,15 bi	Grupo Otávio Lage (36,40%)
São Martinho	SMTO3	Usina	R$ 5,78 bi	LJN Participações (57,23%)
Suzano	SUZB3	Papel e Celulose	R$ 64,48 bi	Suzano Holding (29,1%)
Klabin	KLBN11	Papel e Celulose	R$ 23,39 bi	Klabin Irmãos (19,36%)
Irani	RANI3	Papel e Celulose	R$ 1,79 bi	Irani Part. (42,89%), Habitasul (12%)
SLC Agrícola	SLCE3	Agrícola - Grãos	R$ 8,10 bi	Controladores (55,13%)
BrasilAgro	AGRO3	Agrícola - Terras	R$ 2,12 bi	Cresud (34,22%)
Boa Safra	SOJA3	Agrícola - Sementes	R$ 1,55 bi	Família Colpo (52,26%)
AgroGalaxy	AGXY3	Insumos Agrícolas	R$ 101,82 mi	Controladores (66,73%)
3tentos	TTEN3	Agroindustrial	R$ 7,60 bi	Controladores (74,9%)
Kepler Weber	KEPL3	Armazenagem	R$ 1,44 bi	Trígono Capital (17,6%), Heller (11,6%)
Fertilizantes Heringer	FHER3	Fertilizantes	R$ 210,04 mi	Heringer Part. (51,48%)
Terra Santa	LAND3	Imobiliário Rural	R$ 985,36 mi	Bonsucex (49,03%)
M. Dias Branco	MDIA3	Alimentos Processados	R$ 8,58 bi	DIBRA (63%)
Hidrovias do Brasil	HBSA3	Logística Hidroviária	R$ 4,88 bi	Ultrapar (50,48%)
Rumo	RAIL3	Logística Ferroviária	R$ 33,94 bi	Cosan (30,33%)

O AGRO BRASILEIRO em números e perspectivas



O TAMANHO DO AGRO

- **29,4%** do PIB brasileiro previsto em 2025 (CNA + Cepea)
- **28,2 milhões** de pessoas empregadas
- **R$ 1,35 trilhão** de Valor da Produção Agropecuária (2024)

Maior que um setor — é um sistema que conecta campo, cidade e mundo.



AS EMPRESAS DO AGRO NA BOLSA BRASILEIRA

- 22 companhias listadas, **R$ 400 bi** em valor de mercado somado
- IAGRO (Índice de Ações do Agronegócio) da B3 representa apenas **12,37%**

Valor de mercado por segmento

FRIGORÍFICOS | JBSS32, BEEF3, BRFS3, MRFG3 — R$ 143,69 bi

CELULOSE: SUZB3, KLBN11, RANI3 — R$ 91,8 bi

LOGÍSTICA: HBSA3, RAIL3 — R$ 37,13 bi

USINAS: RAIZ4, CSAN3, JALL3, SMTO3 — R$ 22,44 bi

AGRÍCOLAS: SLCE3, AGRO3, SOJA3, LAND3 — R$ 11,74bi

INSUMOS E ARMAZENAGEM: AGXY3, TTEN3, FHER3, KEPL3 — R$ 9,39 bi

ALIMENTOS: MDIA3 — R$ 8,20 bi



RISCOS CLIMÁTICOS EXIGEM RESILIÊNCIA:

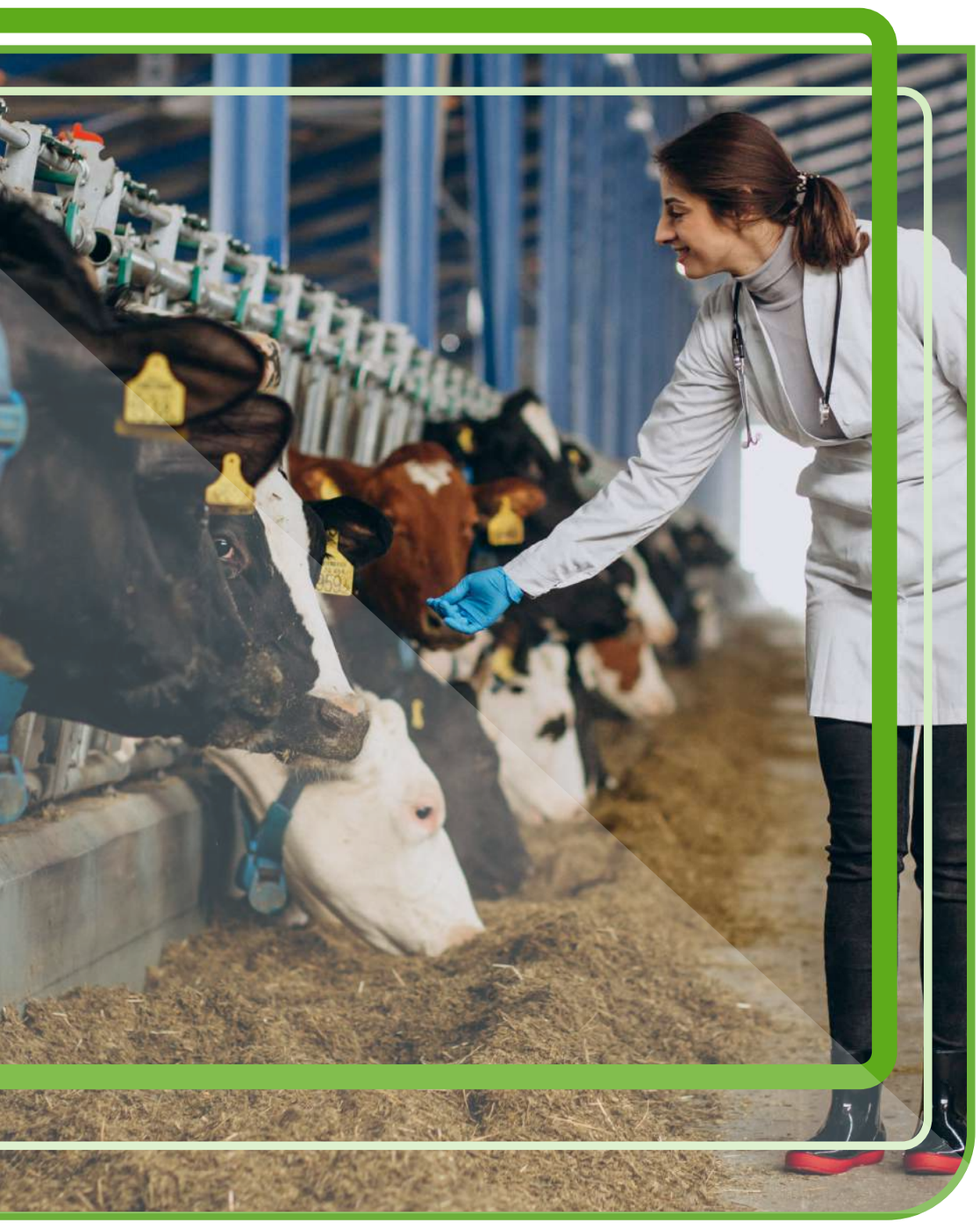
- Temperaturas mais altas
- Chuvas extremas e irregulares
- Pressão por sustentabilidade e rastreabilidade

FATORES ECONÔMICOS QUE MOVEM O AGRO

- Câmbio e exportações
- Juros e crédito rural
- Inflação de insumos
- Infraestrutura e logística
- Reforma tributária

8 MEGATENDÊNCIAS

01 Sustentabilidade
02 Adaptação climática
03 Agrodigital
04 Intensificação produtiva
05 Transformação do consumo
06 Biorrevolução
07 Integração de saberes
08 Governança e novos riscos



FRIGORÍFICOS

O Brasil é um dos protagonistas globais no setor de proteínas, respondendo por cerca de **25% da capacidade mundial de processamento de carne bovina** e liderando as exportações de carne de frango e suína, com produção anual superior a **35 milhões de toneladas** entre os três segmentos.

Assim, o segmento de frigoríficos engloba empresas especializadas no abate, processamento e comercialização de proteínas animais, principalmente bovina, suína e de frango.

Com forte presença no mercado global, essas companhias operam em cadeias produtivas complexas, que combinam produção agropecuária, logística, industrialização e exportação.

Na bolsa brasileira, existem hoje três empresas listadas diretamente ligadas a esse setor. São elas a **Minerva (BEEF3)**, **BRF (BRFS3)** e **Marfrig (MRFG3)** —, além da **JBS**, listada na **NYSE** e negociada na B3 por meio do **BDR JBSS32**.

JBS (JBSS32)

Nome da companhia: JBS Participações S.A. | **Ticker:** JBSS32 | **Segmento principal:** Frigorífico
Valor de mercado: R$ 86,57 bilhões | **Estrutura acionária:** *JBS Participações S.A. (controladora): 48,34%; BNDESPAR: 20,34%; Outros minoritários: 32,94%; Diretoria: 0,53%*

A **JBS** é uma das maiores empresas de alimentos do mundo e a maior processadora de carnes em escala global. Fundada no Brasil em **1953**, a companhia atua nos segmentos de carne bovina, suína, de frango, peixes, alimentos preparados, couro, colágeno, higiene e limpeza, além de biodiesel.

A estrutura de negócios é altamente diversificada, com operações relevantes nos Estados Unidos, Brasil, Austrália, Canadá e México. A empresa controla marcas como **Seara**, **Pilgrim's Pride**, **Swift**, **Primo** e **Moy Park**.

Com parte expressiva da receita atrelada ao mercado externo, a JBS é diretamente influenciada pela cotação do **dólar**, condições de exportação e preços internacionais das **commodities** de proteína animal.

A diversificação geográfica e de produtos reduz a dependência de mercados específicos, ajudando a mitigar volatilidades regionais. Fatores como custo de grãos, barreiras comerciais e sanidade animal também são determinantes para os resultados da companhia.

A listagem recente na **NYSE** (bolsa de Nova York) reforça o movimento da JBS rumo à **internacionalização** da sua base de investidores e pode ampliar a visibilidade global da companhia no longo prazo.

A empresa em 2025

Com presença global e forte diversificação, a JBS atravessa o ano de 2025 em meio a desafios pontuais, mas com foco na geração de valor. Os principais ponto de atenção ao investidor são:

- **Margens pressionadas** no segmento de carne bovina nos EUA, devido ao alto custo do gado e à lenta recuperação dos preços;
- Impactos da **gripe aviária** na Seara, com a suspensão de exportações e queda dos preços domésticos;
- **As operações na Austrália e na Pilgrim's Pride** (PPC) têm apresentado desempenho superior, ajudando a mitigar parte das dificuldades nos EUA;
- **A dupla listagem na NYSE**, com acesso às ações no Brasil via BDRs, ajuda a ampliar a base de investidores estrangeiros e aumenta a liquidez dos papéis;
- O compromisso de **distribuir dividendos de cerca de US$ 1 bilhão por ano**, anunciado em junho, desde que a alavancagem líquida permaneça entre 2x e 3x o Ebitda. O objetivo é transformar a JBS em uma "ação de dividendos" e atrair investidores de longo prazo;
- **O portfólio diversificado** em diferentes proteínas e mercados são pontos fortes, reduzindo riscos ligados a restrições sanitárias e barreiras comerciais.

Minerva (BEEF3)

Nome da companhia: Minerva S.A. | **Ticker:** BEEF3 | **Segmento principal:** Frigorífico
Valor de mercado: R$ 5,20 bilhões | **Estrutura acionária:** *VDQ Holdings S.A.: 29.08%; SALIC International Investment Company: 24,50%; Free float: 44,52%; Ações em tesouraria: 1,90%*

A **Minerva Foods** é uma das principais exportadoras de **carne in natura** e seus derivados da América do Sul, comercializando seus produtos para **mais de 100 países**.

Fundada no interior de São Paulo, a companhia expandiu sua presença ao longo das últimas décadas e hoje opera **46 unidades industriais**, oferecendo produtos para clientes do mundo todo por meio de **23 centros de distribuição** e **17 escritórios internacionais.**

Além de carne, a Minerva atua em negócios adjacentes como **couro, energia e biodiesel** a partir de gorduras vegetal e animal, buscando maior verticalização da operação. O foco em eficiência e logística regional é uma das estratégias para lidar com a volatilidade de custos e margens do setor.

Seu modelo de negócios é fortemente voltado ao **mercado externo.** O preço internacional da carne bovina, os custos de grãos e as políticas sanitárias nos países importadores também são variáveis sensíveis para o desempenho da companhia.

Em 2025, a Minerva aprovou um **aumento de capital de R$ 2 bilhões**, como forma de fortalecer sua estrutura financeira e sustentar o plano de expansão internacional. A empresa faz parte do segmento de **Novo Mercado na B3**, o qual avalia as ações de instituições que possuem uma boa governança corporativa.

A empresa em 2025

Em fase de expansão e integração, a Minerva projeta ter, em 2025, crescimento sólido, mesmo com ajustes operacionais no curto prazo. Nesse sentido, o investidor deve acompanhar a curva de eficiência das novas operações e os efeitos das integrações no desempenho financeiro. Veja no que ficar de olho:

- **Guidance de receita líquida entre R$ 50 e R$ 58 bilhões** para o ano, acima das estimativas anteriores;
- **Capacidade de abate total ampliada em 50%**, com aquisições feitas em 2023;
- **Fase de integração das novas plantas** ainda em andamento, com possível impacto nas margens;
- **Iniciativas em sustentabilidade**, sendo a primeira empresa brasileira com selo de energia renovável em 100% das operações locais, reforçando o compromisso ambiental e podendo atrair investidores ESG;
- **Novo ciclo de crescimento** com impulso operacional e consolidação de mercado.

BRF (BRFS3)

Nome da companhia: BRF S.A. | **Ticker:** BRFS3 | **Segmento principal:** Frigorífico
Valor de mercado: R$ 36,53 bilhões | **Estrutura acionária:** *Marfrig Global Foods S.A.: 51,44%; SALIC International Investment Company: 11,03%; Outros: 32,62%; Ações em tesouraria: 4,88%*

A **BRF** é resultado da fusão entre **Sadia** e **Perdigão**, concluída em 2012. A companhia é uma das maiores produtoras de alimentos do mundo, com **5 milhões de toneladas** de alimentos produzidos por ano.

A empresa atua principalmente nos segmentos de carne de frango, suína e alimentos processados, com mais de **30 marcas** e **5 mil itens comercializados** em mais de **140 países**.

Com uma operação global, a BRF conta com **101 centros de distribuição** na América Latina, Turquia e Oriente Médio, além de escritórios na Ásia, África do Sul e Áustria e uma planta industrial na China.

As ações da companhia estão no **Novo Mercado da B3**, e também são negociadas em **ADRs Nível III** na Bolsa de Valores de Nova Iorque.

Entre os fatores macroeconômicos que mais afetam a BRF, estão:

- A cotação do **dólar**; e
- Os **preços internacionais dos grãos**, especialmente milho e soja, principais insumos da cadeia de proteína animal.

Neste ano, a BRF anunciou um **plano de fusão** com a **Marfrig** para criar a MBRF Global Foods, operação ainda sujeita à aprovação dos órgãos reguladores. Essa operação projeta uma economia anual de **R$ 485 milhões em receita e custos**, além de uma **redução de R$ 320 milhões em despesas** comerciais e logísticas.

A empresa em 2025

A companhia mantém posição competitiva no mercado global de alimentos, com foco em inovação e eficiência operacional. Os principais fatores para o investidor acompanhar sobre a empresa em 2025, são:

- **O foco em eficiência operacional, inovação e expansão** de mercados, com destaque para o programa BRF+ que tem acelerado ganhos de produtividade e redução de custos;
- **A diversificação geográfica** e portfólio de produtos processados sustentam a resiliência da companhia frente a volatilidades de mercado;
- **O câmbio elevado favorece as receitas de exportação**, mas pressiona custos de insumos e logística;
- **O ambiente de juros elevados e inflação** global pode impactar custos financeiros e margens;
- **A concorrência acirrada** no setor de alimentos processados e possíveis restrições sanitárias são riscos a monitorar.

Marfrig (MRFG3)

Nome da companhia: Marfrig Global Foods S.A. | **Ticker:** MRFG3 | **Segmento principal:** Frigorífico / Consumo e Varejo | **Valor de mercado:** R$ 19,85 bilhões | **Estrutura acionária:** *Acionistas Controladores: 72,22% Conselho e Diretoria: 0,15%; Outros: 24,94%; Ações em tesouraria: 2,69%*

A **Marfrig** é uma das maiores empresas globais do setor de alimentos, com foco em carne bovina e produtos industrializados, sendo a **maior produtora de hambúrguer do mundo**, com mais de **200 mil toneladas** produzidas por ano.

Outra frente na qual a Marfrig se destaca é na produção e comercialização de itens à base de **proteína vegetal**, a partir do Brasil.

Fundada em 1986 e sediada em São Paulo, a companhia atua nos segmentos de food service, varejo e processamento, com presença em cerca de **100 países** em **19 unidades produtivas bovinas, 10 centros de distribuição** e comerciais e espalhadas por **4 continentes**.

Seu modelo de negócios é estruturado em duas grandes operações regionais: América do Norte e América do Sul. Também realiza o abate, desossa e processamento de bovinos no Brasil, Estados Unidos, Uruguai e Argentina, além de produzir itens como **carne enlatada, beef jerky, molhos e produtos prontos** para consumo.

A trajetória de expansão da Marfrig inclui aquisições estratégicas na América Latina e nos Estados Unidos, com destaque para a compra da **National Beef**, que reforçou sua liderança no mercado norte-americano.

Listada no **Novo Mercado da B3**, a Marfrig tem sua governança alinhada aos mais altos padrões exigidos para companhias abertas no país.

Entre os fatores macroeconômicos que impactam sua operação, estão:

1. A cotação do **dólar**, que afeta a exportação e a operação americana;
2. Os **preços internacionais** da carne bovina e dos grãos (milho e soja); e
3. A **demanda global** por proteína animal.

Aspectos como o **ciclo pecuário, barreiras sanitárias e mudanças regulatórias** também afetam seu desempenho em diferentes mercados.

> ***"Após 3 anos da Marfrig à frente da BRF, um período em que a BRF voltou a gerar valor ao acionista e passando, essa fusão é um passo natural no futuro das companhias. A fusão vai nos permitir avançar em escala e diversificação, e a MBRF já nasce como a 7ª maior empresa do Brasil com receita de R$ 153 bilhões"***, disse Marcos Molina, CEO da Marfrig.

A empresa em 2025

A Marfrig iniciou o ano com avanços na estrutura financeira, com crescimento de receita e diminuição de alavancagem, enquanto busca ganhos de escala e sinergias por meio de aquisições. Veja no que ficar de olho este ano:

- **A operação na América do Sul** tem apresentado bom desempenho, com margens mais altas e crescimento em produtos processados;
- Na América do Norte, segue pressionada por **ciclo pecuário desfavorável** e margens baixas;
- **A conclusão da compra da MFG Agropecuária Ltda** vem fortalecendo a cadeia de fornecimento;
- **Uma possível fusão com a BRF** pode gerar sinergias e ampliar escala no setor de proteínas;
- **A nota máxima em sustentabilidade no CDP:** Mudanças Climáticas, Segurança Hídrica e Florestas.





USINAS

O segmento de usinas engloba empresas que atuam na produção de açúcar, etanol e bioenergia, a partir da cana-de-açúcar, uma das principais commodities do agronegócio brasileiro.

Essas companhias operam modelos integrados, que combinam atividades agrícolas e industriais, e têm papel estratégico na transição energética, por meio da oferta de biocombustíveis e energia limpa.

Em 2024, a produção de etanol no Brasil chegou a **36,8 bilhões de litros**, o maior volume já produzido no país, de acordo com a União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia (UNICA). Esse volume coloca o Brasil como **segundo maior produtor de etanol no mundo**, depois dos Estados Unidos.

O avanço do setor deve ganhar tração com a **Lei do Combustível do Futuro**, que prevê R$ 260 bilhões em investimentos e redução de 705 milhões de toneladas de CO_2 até 2037.

A nova legislação impulsiona a produção de **biocombustíveis** como o SAF (combustível sustentável para aviação), o diesel verde e o biometano, e amplia a margem de mistura de etanol na gasolina, que poderá chegar a 35% — hoje, o intervalo vai de 18% a 27,5%. Esse movimento favorece diretamente a cadeia da cana-de-açúcar.

Além disso, políticas públicas nacionais e internacionais, incluindo diretrizes da Petrobras sobre misturas obrigatórias, influenciam diretamente o mercado, afetando preços, margens e demanda.

Na B3, o setor está representado por empresas como **Raízen (RAIZ4), Cosan (CSAN3), Jalles Machado (JALL3) e São Martinho (SMTO3)**, com diferentes graus de verticalização e presença em mercados internos e de exportação.

Raízen (RAIZ4)

Nome da companhia: Raízen S.A. | **Ticker:** RAIZ4 | **Segmento principal:** Usinas (açúcar, etanol, bioenergia e distribuição de combustíveis) | **Valor de mercado:** R$ 2,30 bilhões | **Estrutura acionária:** *Grupo de Controle: 88,0% Acionistas minoritários: 4,1%; Outros acionistas: 7,6%; Ações em tesouraria: 0,2%*

A **Raízen** é uma das maiores empresas do setor sucroenergético do mundo, com atuação integrada que vai do campo à bomba de combustível.

Fundada em 2011 a partir de uma **joint venture** entre a **Cosan** e a **Shell**, a companhia reúne atividades de produção de açúcar, etanol e bioenergia, além da distribuição de combustíveis por meio da marca Shell no Brasil, Argentina e Paraguai e presença no varejo com a rede de **lojas de conveniência Oxxo**.

Com **35 usinas** e operação agrícola de **1,3 milhão de hectares**, a Raízen tem a **maior carteira de biomassa do mundo**, sendo líder nacional em etanol e uma das maiores exportadoras de açúcar do país.

Além da produção agrícola e industrial, a Raízen possui uma ampla rede de distribuição e revenda, com mais de **8 mil postos de combustível**, o que reforça sua presença no varejo e sua capilaridade logística.

Entre os principais fatores macroeconômicos que influenciam o desempenho da companhia, estão:

- O **preço do açúcar e do etanol** no mercado internacional;
- A **cotação do dólar** (que impacta a competitividade das exportações);
- As **condições climáticas** que afetam o rendimento agrícola; e
- O **preço da energia elétrica**.

Como player de bioenergia, a empresa também se beneficia de tendências ligadas à **transição energética** e à demanda global por **combustíveis renováveis**.

A empresa em 2025

A Raízen atravessa um ciclo de ajustes, com foco em desalavancagem e racionalização de investimentos, em meio a impactos operacionais causados pelo clima adverso e pressão nas margens. Veja no que ficar de olho:

- **Operação de etanol, açúcar e bioenergia afetada por seca e queimadas**, com forte queda nos volumes do 4T24;
- **Redução de Capex**, com foco em melhorar o fluxo de caixa e reduzir a dívida;
- **Gestão priorizando corte de gastos**, racionalização de investimentos, venda de ativos não estratégicos e melhora de fluxo de caixa, com previsão de um impacto positivo de R$ 500 milhões no caixa em 2025;
- **Venda da Usina de Leme e projetos solares**, com perspectiva de que o portfólio de desinvestimentos chegue a R$ 15 bilhões;
- **Reestruturação societária da subsidiária Resa**, com transferência de cerca de R$ 7,87 bilhões em ativos e passivos.
- **Raízen (RAIZ4) vende Usina Santa Elisa por R$ 1 bilhão:** Acordo vai em linha com as estratégias de desalavancagem da empresa

Cosan (CSAN3)

Nome da companhia: Cosan S.A. | **Ticker:** RAIZ4 | **Segmento principal:** Usinas, distribuição de combustíveis, gás, lubrificantes | **Valor de mercado:** R$ 12,88 bilhões | **Estrutura acionária:** *Grupo de Controle: 36,02% Outros acionistas: 63,56%; Ações em tesouraria: 0,42%*

A **Cosan** é uma holding brasileira com atuação diversificada nos setores de energia, agronegócio, gás natural, lubrificantes e logística.

Fundada em 1936 como uma usina de açúcar, a companhia passou por uma trajetória de expansão e diversificação ao longo das últimas décadas, consolidando-se como um dos maiores grupos privados do país.

Suas ações estão listadas no **Novo Mercado da B3**, com presença também na **NYSE** por meio de American Depositary Shares (ADSs).
O modelo de negócios da Cosan é baseado na gestão de participações em empresas líderes em seus setores: **Raízen** (energia e biocombustíveis), **Compass** (gás natural e infraestrutura), **Moove** (lubrificantes e especialidades químicas) e **Rumo** (logística ferroviária).

Essa estrutura permite sinergias operacionais e exposição a diferentes cadeias de valor ligadas à **transição energética, infraestrutura** e **mobilidade**.

Entre os fatores macroeconômicos que impactam a Cosan, estão:

- A **taxa de juros**, que influencia os planos de investimento e o custo de capital;
- O **câmbio**, relevante para operações ligadas ao mercado externo; e
- **Os preços de commodities** como açúcar, etanol e gás natural.

Com operações integradas e exposição a setores estratégicos, a Cosan ocupa um papel relevante na matriz energética e logística do Brasil, mantendo um portfólio alinhado a tendências como descarbonização, eficiência e infraestrutura sustentável.

A empresa em 2025

A Cosan passa por um ano de transição, com prejuízo contábil no início de 2025, mas avanços importantes na desalavancagem e na sustentação de dividendos. O investidor deve acompanhar a recomposição dos resultados, a alocação de capital e os efeitos das movimentações estratégicas. Outros pontos para ficar de olho são:

- **O prejuízo líquido de R$ 1,78 bilhão no 1T25**, impactado por menores retornos em subsidiárias e efeitos não recorrentes;
- **A previsão de dividendos de R$ 1,95 por ação em 2025**, com yield estimado de 2,8%, sustentado por geração de caixa sólida;
- **A venda da participação na Vale reduziu a dívida líquida** em mais de 25%, fortalecendo o balanço;
- **A diversificação em setores como energia, logística e infraestrutura** segue como pilar de resiliência e mitiga riscos setoriais e volatilidade,

com as operações de Compass e Raízen sendo os principais motores de geração de caixa em 2025.

- **Vibra (VBBR3)** avalia compra da Moove com Cosan

Jalles Machado (JALL3)

Nome da companhia: Jalles Machado S.A. | **Ticker:** JALL3| **Segmento principal:** Usina (açúcar, etanol e energia)
Valor de mercado: R$ 1,15 bilhões | **Estrutura acionária:**; *Grupo Otávio Lage: 36,40%; Gissara Agropecuária: 10,4%*
Demais acionista e grupo de controle: 21,5%; Free float: 31,7%

A **Jalles Machado** é uma empresa do setor sucroenergético, com sede em Goianésia (GO) e atuação destacada na **produção de açúcar, etanol e bioenergia**.

Fundada em 1980, a companhia pertence ao grupo **Otávio Lage**, um dos mais tradicionais operadores agrícolas do país, e também reúne participação de famílias ligadas ao agronegócio regional. O grupo atua desde a década de 1940 com atividades em cana-de-açúcar, gado, látex e urbanização.

A empresa opera duas unidades localizadas em Goiás e uma unidade no município de Santa Vitória, em Minas Gerais. Somadas, as três unidades têm capacidade de moagem de **8,5 milhões de toneladas** ano-safra.

Sua marca **Itajá** lidera a presença da companhia no mercado interno, tanto para **açúcar** quanto para **álcool**. No mercado externo, a Jalles se destaca como a maior exportadora mundial de **açúcar orgânico**, produto de alto valor agregado, certificado internacionalmente e destinado a clientes como a rede americana **Costco**.

Além do açúcar orgânico, a companhia atua com **etanol anidro, hidratado** e **orgânico**, com aplicações que vão da **indústria alimentícia à farmacêutica**. A Jalles também investe na cogeração de energia elétrica a partir do **bagaço da cana**, com capacidade de produção de 189,4 MW.

A Jalles é sensível a variáveis como:

- Os **preços** de açúcar, etanol e energia elétrica;
- O **câmbio**, fator relevante para sua operação exportadora; e
- O **clima**, especialmente nas regiões agrícolas de Goiás e Minas Gerais, onde estão suas operações.

A empresa em 2025

Após encerrar a safra 2024/25 com prejuízo, a Jalles Machado entrou em 2025 focada em ganhos de eficiência e adaptação ao clima, com investimentos voltados à resiliência agrícola e mudança no mix de produção. Veja no que ficar de olho:

- **Prejuízo líquido de R$ 55,9 milhões na safra 2024/25**, pressionado por clima adverso e efeitos financeiros de derivativos;
- **Moagem recorde de 7,87 milhões de toneladas**, com leve crescimento projetado para 2025/26;

- **Queda esperada de 1,8% na produtividade da cana**, refletindo temperaturas elevadas e menos chuvas no Centro-Oeste;
- **Mudança no mix de produção com aumento da proporção de açúcar** (de 44,6% para 54%) diante de cenário mais favorável para o adoçante;
- **Capex estimado em R$ 746,7 milhões para 2025/26**, com foco em irrigação, fertirrigação e mitigação climática;
- **Expectativa de preços firmes para o etanol**, com possível elevação da mistura à gasolina com a implementação do E30 e da lei do Combustível do Futuro, sustentando a demanda.

São Martinho (SMTO3)

Nome da companhia: São Martinho S.A. | **Ticker:** SMT03 | **Segmento principal:** Usina (açúcar, etanol e energia)
Valor de mercado: R$ 5,78 bilhões | **Estrutura acionária:**; *LJN Participações S.A.: 57,23*
Controladores Indiretos: 4,06%; Administradores: 0,37%; Ações em Circulação: 37,18%

A **São Martinho** é uma das maiores usinas sucroenergéticas do Brasil, com foco na produção de açúcar, etanol e energia elétrica a partir da cana-de-açúcar.

Com mais de um século de história, suas origens remontam ao início do século XX, em operações familiares no interior de São Paulo. Atualmente, a companhia opera quatro unidades industriais (São Martinho, Iracema, Santa Cruz e Boa Vista) com capacidade de moagem próxima a **24 milhões de toneladas** de cana por safra.

A empresa é referência em eficiência agrícola e industrial, com **colheita 100% mecanizada**, produção energética autossuficiente e integração logística.

Além da produção de açúcar e etanol (anidro e hidratado), também atua na **cogeração de energia elétrica** a partir do bagaço da cana. Parte dessa energia é comercializada, o que amplia a diversificação da receita.

Nos últimos anos, a São Martinho tem investido na diversificação da matriz produtiva com a entrada na **produção de etanol** de **milho**, acompanhando a evolução do mercado brasileiro de biocombustíveis.

Entre os principais fatores macroeconômicos que influenciam a companhia, estão:

- Os **preços** do açúcar e do etanol no mercado internacional;
- A **cotação do dólar,** que afeta a competitividade das exportações; e
- As **condições climáticas**, que impactam a produtividade agrícola.

A empresa em 2025:

Após um ciclo afetado por eventos climáticos extremos, custos elevados e margens comprimidas, a São Martinho tem adotado uma postura mais conservadora para 2025/26. A capacidade de controle de custos, eficiência industrial e reação do mercado de açúcar e etanol serão determinantes para o desempenho no novo ciclo. Veja no que ficar de olho:

- **Perda estimada de 1 milhão de toneladas de cana** e impacto de R$ 250 milhões no Ebitda, devido a queimadas e seca que elevaram custos e reduziram a eficiência industrial;
- **Margens de etanol praticamente anuladas** com aumento de 12% nos custos de produção;
- **Queda de 34% no volume de etanol e 46% no volume de açúcar** vendidos no 4T25;
- **Guidance avaliado como negativo**, com ATR (Açúcar Total Recuperável) 2,9% abaixo das projeções e moagem crescendo apenas 0,9%;
- **Capex revisado para R$ 2,3 bilhões**, com postura mais conservadora diante do cenário adverso;
- **Política de hedge cobre 51% das vendas de açúcar para 2025/26** a preços considerados positivos, mas inferiores aos ciclos anteriores;
- **Receita esperada com crescimento de 5,8% ao ano** nos próximos três anos, abaixo da média do setor;
- **A São Martinho foi uma das compradoras dos ativos da Usina Santa Elisa, vendida pela Raízen (RAIZ4) por R$ 1 bilhão**. A empresa adquiriu aproximadamente 10.600 hectares de cana de contratos da Usina Santa Elisa por uma soma de até R$ 242 milhões.





PAPEL E EMBALAGENS

O Brasil é líder mundial do setor de **papel e celulose**, com exportações que alcançaram **US$ 15,7 bilhões em 2024**, e deve continuar a fortalecer sua posição nesse mercado, impulsionado pela inovação tecnológica e pela adoção de práticas sustentáveis.

O país é referência principalmente na produção de **celulose de eucalipto**, utilizada como matéria-prima por indústrias de papel, embalagens, higiene e limpeza.

Na bolsa brasileira, o setor está representado por empresas como **Suzano (SUZB3), Klabin (KLBN11) e Irani (RANI3)** — todas com atuação verticalizada e presença global.

Suzano (SUZB3)

Nome da companhia: Suzano S.A. | **Ticker:** SUZB3 | **Segmento principal:** Papel e celulose
Valor de mercado: R$ 64,48 bilhões | **Estrutura acionária:** *Suzano Holding S.A: 29,1%*
Sócios minoritários e administradores: 20,1%; Tesouraria: 2,2%; Outros Acionistas: 48,5%

Com **13,4 milhões de toneladas** de capacidade de produção, a **Suzano** é a maior produtora global de **celulose de eucalipto**, a maior fabricante de papéis da América Latina e líder no mercado de **papel higiênico** no Brasil.

Com base fornecida por mais de **2,7 milhões de hectares** — incluindo 1,6 milhão de plantios e 1,1 milhão destinados à preservação ambiental — a empresa opera unidades industriais em **7 Estados do Brasil**, além de terminais portuários próprios e escritórios em países como Argentina, Estados Unidos, Canadá, Áustria, Israel, Finlândia e China.

Adicionalmente, parcerias internacionais, como a joint venture com **Kimberly-Clark** para produtos tissue, reforçam sua estratégia global com atuação em mais de 70 países.

A empresa também é destaque na busca da **Bioeconomia**, com forte governança corporativa no **Novo Mercado da B3** e compromissos com sustentabilidade.

Por seus negócios, a companhia é exposta a fatores macroeconômicos como:

1. A cotação do **dólar**;
2. O **preço internacional** da celulose e do papel; e
3. A **demanda global** por embalagens e papel higiênico.

A empresa em 2025

A Suzano atravessa o ano de 2025 com fundamentos sólidos, mas enfrenta pressão sobre margens operacionais diante de preços ainda baixos da celulose e custos em alta. A recuperação dos preços internacionais e o controle de custos serão chave para reverter a pressão sobre as margens e destravar valor para o acionista. Veja no que ficar de olho:

- **Manutenções e reestocagem** limitaram os volumes disponíveis para venda no início do ano;
- **Expectativa de melhora nos preços** a partir do segundo semestre, com retomada da demanda na Ásia;
- **Alavancagem sob controle e geração de caixa forte** mantém espaço para novos investimentos ou dividendos extraordinários;
- **Riscos ligados ao câmbio**, excesso de oferta global e aumento de custos operacionais;
- **Previsão de crescimento de receita** de, em média, 7,3% ao ano nos próximos 3 anos, acima da média global do setor florestal.
- As **tarifas de 50%** anunciadas por Donald Trump para o Brasil devem impactar especialmente a Suzano, segundo o Goldman Sachs, já que a empresa tem 19% de suas vendas líquidas nos EUA. Apesar disso, a empresa segue como a preferência do banco no setor, a partir de uma nova demanda de celulose para China em 2025

Klabin (KLBN11)

Nome da companhia: Klabin SA Unit | **Ticker:** KLBN11 | **Segmento principal:** Papel e Celulose
Valor de mercado: R$ 23,39 bilhões | **Estrutura acionária:** *Klabin Irmãos S.A.: 19,36%*
BONY: 5,58%; T.Rowe Price: 5,16%; Blackrock: 4,13%; Ações em tesouraria: 1,84%; Outros: 63,93%

A **Klabin** é a maior produtora e exportadora de **papéis para embalagens** do Brasil, além de ser a única companhia do país a oferecer ao mercado **celulose de 3 tipos:**

- **Fibra curta** (eucalipto);
- **Celulose** de fibra longa (pínus); e
- **Celulose** fluff.

Com mais de 125 anos de história, a empresa opera de forma verticalizada, desde a base florestal até a conversão de papéis em embalagens, com foco em soluções sustentáveis e inovação em biomateriais.

Com **22 unidades industriais** espalhadas pelo território nacional e uma na Argentina, a Klabin tem capacidade de produção anual de aproximadamente **3 milhões de toneladas de papéis** e **1,6 milhão de toneladas de celulose.**

O modelo de negócios combina florestas plantadas e áreas de preservação, com cerca de 500 mil hectares no total, sendo quase metade destinada à conservação ambiental.

Fatores macroeconômicos que impactam a Klabin incluem:

- O **dólar**, já que grande parte da receita é de exportação de celulose e papéis;
- Os **preços internacionais** das commodities florestais; e
- O **desempenho de setores** como alimentos, bebidas, higiene e logística, que demandam embalagens em papel.

Além disso, as **condições climáticas** e as **regulações ambientais** são determinantes para o manejo florestal e a competitividade de longo prazo.

A empresa em 2025

A Klabin entrou no ano de 2025 com disciplina financeira e bom desempenho em produtos de maior valor agregado, mas precisa consolidar o ciclo recente de investimentos em um ambiente competitivo e desafiador para celulose. A trajetória de desalavancagem e as decisões sobre dividendos serão pontos-chave para o investidor. Veja no que ficar de olho:

- **Produção de celulose impactada** por parada não planejada e custos elevados;
- **O aumento de juros e a desaceleração doméstica** pressionaram demanda e consumo, refletindo nos volumes e nas vendas do mercado local;
- **Resultados do segmento de papel** e capacidade de manter margens, mesmo com demanda morna, serão centrais para o desempenho das ações;
- **Tensões comerciais e tarifas nos EUA geram riscos** para o fluxo de exportações, mas também podem abrir oportunidades com a reorganização global.

Irani (RANI3)

Nome da companhia: Irani Papel e Embalagem S.A. | **Ticker:** RANI3 | **Segmento principal:** Papel e embalagens
Valor de mercado: R$ 1,79 bilhão | **Estrutura acionária:** *Irani Participações S.A.: 42,89%*
Companhia Habitasul de Participações: 4,17%; Habitasul Desenvolvimentos Imobiliários S.A.: 7,86%
Ações em tesouraria: 3,47; Outros:41,6%

A **Irani** é uma das principais empresas brasileiras no segmento de **papel para embalagens** e **papelão ondulado**, com atuação verticalizada que vai desde a base florestal até o produto final.

Fundada em 1941, a companhia pertence ao **Grupo Habitasul** e tem unidades em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo, além de áreas de florestas plantadas com pinus que somam cerca de **34 mil hectares**.

Com foco no mercado interno, especialmente nos setores de alimentos, bebidas, higiene e limpeza, a Irani produz **papéis kraft, chapas e caixas de papelão ondulado**, além de resinas florestais e produtos químicos utilizados na própria operação.

A empresa também se destaca pela forte ênfase em sustentabilidade e gestão responsável da cadeia produtiva, com matriz energética renovável e programas de certificação florestal.

Desde a migração para o **Novo Mercado da B3**, a companhia vem executando seu plano de crescimento por meio da chamada **Plataforma Gais**, uma série de projetos voltados à expansão de capacidade, eficiência energética e inovação.
Entre os fatores macroeconômicos que influenciam o desempenho da Irani, estão:

- O **preço das aparas**, matéria-prima reciclada;
- O **câmbio**, que impacta custos e competitividade; e
- A **demanda doméstica por embalagens**, que acompanha o desempenho do consumo e da produção industrial.

A companhia também está exposta às **condições climáticas**, que afetam a produtividade florestal, e à evolução das **regulamentações ambientais**, especialmente no contexto de embalagens sustentáveis.

A empresa em 2025

Com foco em inovação sustentável, a Irani busca um ano de 2025 positivo, com eficiência operacional e recompra de ações como destaques. O investidor deve acompanhar a evolução dos custos e o comportamento do setor de papel e embalagens. Veja no que ficar de olho:

- **Crescimento de 12% nos volumes do segmento de papel** e ambiente de preços estáveis em embalagens (+2%), mesmo diante do aumento de custos de aparas recicladas (+7%) por questões sazonais;
- **Programa de recompra avançado**, com 76% das ações já adquiridas até o 1T25, a preço médio de R$ 7,07, reforçando a confiança da gestão;

- **Foco estratégico em sustentabilidade** e produção de papéis e embalagens recicláveis, alinhado a **tendências ESG**;
- **Custos financeiros ainda elevados** e variabilidade sazonal no setor exigem monitoramento contínuo, especialmente se o cenário macroeconômico permanecer volátil;
- **Vendas e margens podem variar conforme oferta/demanda** em papéis e embalagens, custos de insumos reciclados e novos investimentos em capacidade produtiva.
- **Irani (RANI3) fecha contrato de arrendamento com Âmbar por 10 anos para extração de goma resina**

AGRÍCOLAS E OUTRAS EMPRESAS



O **segmento agrícola** é a base da cadeia do agronegócio e ocupa um papel central na economia brasileira.

O país é um dos maiores produtores e exportadores globais de grãos, fibras e oleaginosas, além de ter posição de destaque no fornecimento de alimentos, energia renovável e insumos para diversas indústrias.

Segundo dados da Confederação da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA), em 2024, a produção agrícola brasileira colocou o país como **líder na exportação de soja** (56% das trocas comerciais globais), **milho** (31%), **café** (27%) e **suco de laranja** (24%).

A agricultura brasileira é marcada por alta produtividade, grande escala e crescente uso de tecnologia no campo, incluindo genética de sementes, irrigação, mecanização, agricultura de precisão e gestão de risco climático.

Na bolsa brasileira, o investidor encontra exposição ao campo por meio de empresas listadas que atuam diretamente na produção, armazenagem, comercialização e fornecimento de insumos agrícolas.

Entre os principais nomes, estão: **SLC Agrícola (SLCE3), BrasilAgro (AGRO3), Boa Safra (SOJA3), AgroGalaxy (AGXY3), 3tentos (TTEN3) e Kepler Weber (KEPL3)** — cada uma com modelos de negócio distintos, mas todas conectadas à força do agro nacional.

SLC (SLCE3)

Nome da companhia: SLC Agrícola S.A. | **Ticker:** SLCE3 | **Segmento principal:** Agricultura (grãos e fibras)
Valor de mercado: R$ 8,10 bilhões | **Estrutura acionária:** *Controlador e Pessoas Ligadas: 55,13%*
Conselho de Administração, Fiscal e Comitê de Auditoria Estatutário: 0,04%; Diretoria: 0,24%
Ações em Tesouraria: 0,79%; Free Float: 43,80%

A **SLC Agrícola** é uma das principais produtoras de commodities agrícolas do Brasil, com foco em grãos e fibras (soja, milho, algodão e trigo), com Integração Lavoura Pecuária Floresta (ILPF) para algumas áreas.

Fundada em 1977, é pioneira ao abrir capital como empresa de agricultura em bolsa no país. Possui matriz em Porto Alegre (RS) e sua

operação está centrada no Cerrado, com **23 unidades** distribuídas em 7 Estados, totalizando cerca de **733 mil hectares de terras produtivas**.

O modelo de negócios combina produção própria com **parcerias por meio de joint ventures**, o que permite expansão de forma orgânica, com o aumento da produtividade e por meio de aquisições e arrendamentos de fazendas já maduras, nas quais a empresa emprega competências e conhecimentos técnicos para atingir o máximo de eficiência, além da conversão de pastagens para agricultura.

A companhia exporta principalmente para a Ásia, com a China como principal destino, além de países como Vietnã, Paquistão, Turquia, Bangladesh, Indonésia, Malásia, Coreia do Sul, Tailândia e Índia.

Quanto aos fatores macroeconômicos que afetam o desempenho da empresa, os principais incluem:

- Os **preços de commodities** globais (soja, milho e algodão) e **fertilizantes**;
- O **câmbio**, que afeta os preços de exportação e logística;
- O **clima**, especialmente no cerrado, que influencia produtividade; e
- Os **riscos sazonais** e **relações comerciais** globais.

A empresa em 2025

A SLC vive um ciclo de crescimento agressivo, com investimentos pesados em expansão e foco em ganho de escala. Apesar do bom desempenho operacional no início do ano, o investidor deve acompanhar os riscos climáticos e os efeitos das aquisições sobre caixa e margens. Veja no que ficar de olho:

- **Recuperação na produtividade da soja e expansão da área plantada** estão impulsionando resultados, revertendo adversidades climáticas de 2024 e diluindo custos operacionais;
- **Algodão apresenta forte rentabilidade, milho segue mais fraco**, mas sem comprometer o desempenho consolidado;
- **Resultado financeiro beneficiado** por variação cambial positiva sobre dívida em dólar;
- **SLC Agrícola (SLCE3) anuncia compra da Sierentz Agro Brasil por US$ 135 milhões**
- **Grandes aquisições recentes**, como as fazendas Paysandu e Paladino, elevaram a alavancagem e pressionaram o fluxo de caixa livre.
- **SLC Agrícola (SLCE3) projeta retomar alavancagem ideal em meados de 2026 e não vê risco para dividendos**
- **A estratégia de expansão segue ativa**, com perspectiva de aumento de receita nos próximos anos e projeção de crescimento médio de 7% ao ano;

- **Projeções revisadas para baixo na produtividade em 2025**, após seca e intempéries localizadas;
- **Volatilidade das commodities e tensões comerciais globais** seguem como risco relevante, apesar das estratégias de hedge.
- **Terras valorizam 7,1%, para R$ 13,396 bilhões**; produtividade do milho e algodão 2ª safra deve crescer.

BrasilAgro (AGRO3)

Nome da companhia: BrasilAgro S.A. | **Ticker:** AGRO3 | **Segmento principal:** Agricultura (propriedade rural e grãos)
Valor de mercado: R$ 2,12 bilhões | **Estrutura acionária:** *Cresud S.A.C.I.F Y A: 34,22%*
Charles River Capital: 9,99%; Elie Horn: 5,93%; Tesouraria: 2,98%; Outros: 46,87%

A **BrasilAgro** é pioneira entre empresas agrícolas listadas no **Novo Mercado da B3** e foi a primeira do setor a emitir ADRs na **NYSE**.

Operando desde 2006, ela atua principalmente na **aquisição, desenvolvimento e comercialização de propriedades rurais**, com foco na geração de valor por meio da implantação de culturas de maior valor agregado, como soja, milho, algodão, feijão, cana e pecuária.

Seu negócio é duplo: produz e comercializa grãos, além de arrendar terras para outros produtores. O portfólio soma cerca de **273 mil hectares** dispersos geograficamente, com propriedades no Brasil, Paraguai e Bolívia, ajudando a diluir os riscos climáticos e de mercado.

Uma das principais fontes de receita da BrasilAgro se dá a partir da venda de fazendas, com a tese do agronegócio tendo um “pézinho” no imobiliário. Segundo Ana Paula Zerbinati, diretora de Relações com Investidores da companhia, a parte imobiliária é a “cereja do bolo” do negócio.

Os principais fatores macroeconômicos que impactam a BrasilAgro envolvem:

1. O **preço global das commodities** agrícolas (soja, milho, algodão);
2. A **demanda internacional** por alimentos; e
3. A **variação cambial**;
4. Preços das **terras agrícolas**.

A empresa se beneficia da valorização das **terras agrícolas**, aproveitando oportunidades de venda estratégica para reinvestir ou distribuir **dividendos**.

A empresa em 2025

Com modelo focado na valorização de ativos rurais e produção agrícola eficiente, a BrasilAgro mostra sinais de recuperação nas margens operacionais, enquanto amplia a proteção via hedge. O investidor deve observar o ritmo das vendas de terras, eficiência na proteção de preços e margens das principais culturas para avaliar a consistência dos resultados ao longo do ciclo.

Veja no que ficar de olho:

- **Margens brutas em recuperação:** soja (14%), algodão (18%) e milho ainda negativas (-6%), mas melhorando;
- **A cana-de-açúcar é destaque**, com margem bruta de 70% no 2T25 (vs. 34% no 2T24), beneficiada pelo preço do ATR (Açúcar Total Recuperável);
- Receita agrícola impulsionada pela **valorização do algodão**;
- **A venda da Fazenda Alto Taquari rendeu R$ 103,3 milhões**, reforçando o modelo híbrido de ganhos operacionais com a valorização de terras.
- **Clima neutro** favorecendo a produtividade e reduzindo riscos agrícolas;
- **Margens de grãos** seguem abaixo da média do setor, exigindo atenção.
- Exposição à **volatilidade de commodities e câmbio** ainda é relevante.
- **BrasilAgro vende fazenda na Bahia por valor equivalente a R$ 141,4 milhões em cabeças de gado**

Boa Safra (SOJA3)

Nome da companhia: Boa Safra Sementes SA | **Ticker:** SOJA3 | **Segmento principal:** Agricultura (sementes)
Valor de mercado: R$ 1,55 bilhão | **Estrutura acionária:** *Marino Stefani Colpo: 26,129%*
Camila Stefani Colpo Koch: 26,129%; HIX Investimentos Ltda: 6,388%
Stefani Fundo de Investimentos em Ações: 4,588%; Tesouraria: 0,592%; Outros: 36,174%

A **Boa Safra** é líder nacional na produção de **sementes de soja**, e também atua em sementes de **milho, feijão, sorgo** e **forrageiras**. Está presente em mais de 600 pontos de venda no território nacional.

Fundada em 2009 pelos irmãos Colpo, a empresa opera seis plantas de beneficiamento de sementes nos Estados de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia, além de parcerias com produtores para multiplicar sementes, reduzindo custos de capital.

O portfólio inclui tratamentos químicos e genéticos avançados, com foco no fornecimento de sementes adaptadas às condições regionais.

Entre os principais fatores macroeconômicos que influenciam a Boa Safra, estão:

1. Os **preços das commodities** agrícolas;
2. A **demanda por sementes**; e
3. A **cotação do dólar**, que impacta o custo de insumos importados utilizados no tratamento das sementes.

O **clima** é outro fator relevante, pois interfere no **calendário de plantio** e na qualidade das lavouras.

A empresa em 2025

A Boa Safra avança em um novo ciclo de crescimento com maior diversificação de culturas e carteira de pedidos robusta. O desempenho das ações dependerá da eficiência na entrega do portfólio, da gestão de custos e do ritmo de comercialização ao longo da safra.

Veja no que ficar de olho:

- **Diversificação de culturas**, com destaque para sementes de sorgo, feijão, milho, trigo e defensivos agrícolas;
- **Carteira de pedidos cresceu 40%** e há perspectiva positiva de receita;
- **Emissão de R$ 500 milhões em CRA** (Certificado de Recebíveis do Agronegócio) reforça capital de giro, melhorando a flexibilidade financeira da empresa para suportar sua expansão;
- **Pressão sobre margens persiste** diante do ambiente de crédito restrito e custos financeiros elevados;
- Potencial de melhoria nas margens com **aceleração das entregas e estabilidade climática**.

AgroGalaxy (AGXY3)

Nome da companhia: Agrogalaxy Participações SA | **Ticker:** AGXY3| **Segmento principal:** Insumos agrícolas & serviços ao produtor | **Valor de mercado:** R$ 101,82 milhões | **Estrutura acionária:** *Controladores: 66,73% Tesouraria: 1,33%; Free Float: 31,938%*

A **AgroGalaxy** atua como uma das principais plataformas de **varejo de insumos agrícolas** e serviços integrados ao produtor rural no Brasil, com foco em fornecimento de defensivos, fertilizantes, sementes, assistência técnica, originação, armazenagem e apoio logístico.

Estruturada a partir da aquisição de plataformas líderes em diferentes regiões brasileiras, a empresa fortaleceu sua presença em **regiões-chave do agronegócio nacional**, mantendo-se listada no **Novo Mercado da B3** desde o IPO, em 2021.

A estratégia da AgroGalaxy é baseada na capilaridade e proximidade com o produtor, com **operação em 12 Estados** e atuação direta em **mais de 1.000 cidades**, além de um portfólio de soluções que vai desde insumos agrícolas até tecnologia e financiamento rural.

Alguns desafios macroeconômicos impactam a operação:

- A **volatilidade nos preços**;
- A **disponibilidade de insumos** agrícolas (defensivos e fertilizantes);
- O **câmbio** nos custos de importação; e
- As **condições climáticas**, que afetam a demanda e o ciclo de vendas.

Além disso, a empresa tem enfrentado um p**rocesso de recuperação judicial** desde 2024, com iniciativas como cessão de recebíveis para reforçar o caixa — processo que tem implicações no equilíbrio financeiro e nas negociações com fornecedores.

A empresa em 2025

A AgroGalaxy atravessa um momento de reestruturação, com o plano de recuperação judicial homologado em 2025 e foco na estabilização financeira e retomada operacional. Veja no que ficar de olho:

- **Recuperação judicial** iniciada em setembro de 2024, com plano homologado em maio de 2025;
- **Reestruturação de dívida em curso**, com acordos visando preservar a viabilidade da companhia;
- **Cenário ainda desafiador**, mas com espaço para reestruturação e possível virada operacional nos próximos ciclos;
- **Forte queda na receita no 1T25** (-78,6%), após cancelamento da carteira de pedidos da safrinha de milho;
- **Operações comerciais limitadas no curto prazo,** exigindo foco em gestão de caixa e controle de custos.

3Tentos (TTEN3)

Nome da companhia: Três Tentos Agroindustrial SA | **Ticker:** TTEN3 | **Segmento principal:** Insumos agrícolas, originação de grãos e industrialização | **Valor de mercado:** R$ 7,60 bilhões
Estrutura acionária: *Controladores: 74,9%; Administradores: 2,4%; Tesouraria: 0,1%; Outros (em circulação): 22,6%*

A **3Tentos** é uma plataforma agroindustrial integrada, fundada em 1995 no Rio Grande do Sul, que opera em três frentes:

1. Varejo de insumos agrícolas (fertilizantes, defensivos, sementes);
2. Originação e trading de grãos (soja, milho, trigo); e
3. Industrialização de commodities com produção de óleo, farelo e biodiesel.

A companhia realiza o atendimento a cerca de **24 mil produtores**, oferecendo assistência técnica, ferramentas digitais e soluções de crédito rural.

Ela está presente nos estados do Rio Grande do Sul e Mato Grosso, com mais de **69 lojas**, **3 parques industriais**, **2 centros de pesquisa** tecnológicos, 2 **unidades de beneficiamento de sementes** e uma **unidade misturadora de fertilizantes**.

Entre os principais fatores macroeconômicos que influenciam a 3Tentos, estão:

- Os **preços**;
- A **margem de industrialização**; e
- A **disponibilidade de grãos** no mercado, que impacta os volumes de originação.

Além disso, a **variação cambial** afeta o custo de insumos importados, enquanto o **clima** e o **desempenho das safras** influenciam o ritmo das vendas e a operação logística.

Ademais, o ambiente de **crédito rural** — incluindo acesso a financiamento e liquidez do produtor — tem peso relevante na dinâmica de consumo de insumos e serviços.

Com forte presença regional e um modelo de negócio diversificado, a 3Tentos busca consolidar sua posição como **fornecedora estratégica** para o produtor rural.

A empresa em 2025

Com nova liderança e fundamentos operacionais sólidos, a 3Tentos atravessa o ano de 2025 sustentando crescimento nos negócios. O investidor deve acompanhar a execução estratégica sob nova gestão, o comportamento das commodities agrícolas e o desempenho da divisão de biodiesel. Veja no que ficar de olho:

- **Mudança no comando**, com João Marcelo Dumoncel assumindo como CEO, e Luiz Osório passando a presidir o Conselho;
- **Supersafra brasileira**, principalmente de soja no Mato Grosso, segue como principal propulsor de resultados positivos;
- **Crescimento nas frentes comercial, industrial e de biodiesel;**
- **Inclusão nos índices ICO2 e ISE da B3**, destacando o compromisso com sustentabilidade e governança.
- **A demora do aumento da mistura de biodiesel no diesel do B14 para B15 afetou a ação em 2025**

Kepler Weber (KEPL3)

Nome da companhia: Kepler Weber S.A. | **Ticker:** KEPL3 | **Segmento principal:** Agrícola - Armazenagem pós-colheita | **Valor de mercado:** R$ 1,44 bilhão | **Estrutura acionária:** *Trígono Capital: 17,6%; Família Heller: 11,6% Free Float: 70,8%*

A **Kepler Weber** é referência em **soluções de armazenagem** e **pós-colheita** no agronegócio brasileiro e latino-americano, com atuação em todas as regiões agrícolas do país e exportação para **53 países.**

Fundada em 1925, a companhia oferece **sistemas completos de beneficiamento**, movimentação e conservação de grãos, desde a originação em propriedades rurais, até a transformação em agroindústrias e terminais logísticos em portos.

Em 2024, atingiu um recorde de **mais de 300 projetos simultâneos**, incluindo novos secadores, silos metálicos e sistemas inteligentes de controle de qualidade de grãos. A operação da Kepler Weber combina inovação tecnológica, engenharia sob medida e forte presença logística, com **4 centros de distribuição** espalhados pelo Brasil.

Um dos principais motores da tese de investimentos da Kepler Weber é o **déficit estrutural de armazenagem no Brasil**. O país tem uma produção crescente de grãos e ainda enfrenta uma **defasagem estimada em 120 milhões** de toneladas em sua capacidade de estocagem. Nesse contexto, a armazenagem se consolida não apenas como uma necessidade operacional, mas como um dos principais eixos dentro da cadeia do agronegócio.

Do ponto de vista macroeconômico, a Kepler Weber é sensível a fatores como:

- A **expansão da safra** brasileira;
- O **crescimento da área plantada**;
- O **câmbio**, que afeta sua competitividade internacional; e
- O **avanço do crédito rural** e os **gargalos logísticos** do país, que estimulam a demanda por soluções de armazenagem.

Com um portfólio que alia tradição e modernização, a Kepler Weber segue como uma fornecedora estratégica para a infraestrutura do agro, apoiando a produtividade e a conservação de valor das safras brasileiras.

A empresa em 2025

A Kepler Weber enfrenta pressões de curto prazo, mas segue bem posicionada no centro da tendência estrutural de expansão da capacidade de armazenagem no agronegócio brasileiro. Veja no que ficar de olho:

- **Cenário adverso**, impactado por quebra de safra no Cerrado, a redução dos preços da soja e do milho, e a manutenção de juros elevados;
- **Retomada da demanda no 2º semestre**, ancorada pelo ciclo do Plano Safra e o período das colheitas;
- **Forte geração de valor ao acionista**, com R$ 70 milhões pagos em dividendos no 1T25;
- **Crescimento em segmentos de Reposição e Serviços e de Negócios Internacionais**, refletindo expansão na América Latina e ganhos de mercado na África.
- **A retomada econômica da Argentina, importante mercado para silos, anima a Kepler Weber**
- **Be8 e Kepler fecham acordo para construção de uma planta de etanol de trigo, com investimentos de R$ 1,2 bilhão**

Fertilizantes Heringer (FHER3)

Nome da companhia: Fertilizantes Heringer S.A. | **Ticker:** FHER3 | **Segmento principal:** Fertilizantes e defensivos agrícolas | **Valor de mercado:** R$ 210,04 milhões | **Estrutura acionária:** *Heringer Participações Ltda.: 51,48%*
Eurochem Comércio de Produtos Químicos Ltda.: 28,49%; OCP International Cooperative U.A.: 10,00%
Outros: 10,02%

Fundada em 1968, a **Fertilizantes Heringer** é uma das empresas mais tradicionais do **setor de nutrição vegetal** no Brasil. Com mais de 50 anos de atuação, a companhia consolidou sua presença no mercado nacional como **fornecedora de fertilizantes NPK** (nitrogênio, fósforo e potássio) e especiais, voltados a diversas culturas agrícolas — como soja, milho, café, algodão e cana-de-açúcar.

A Heringer opera em **9 Estados do território nacional**, exercendo suas atividades por meio de 14 unidades de produção, comercialização e distribuição de fertilizantes.

Sua linha de produtos inclui **fertilizantes convencionais** e **formulados sob medida**, além de **fertilizantes especiais**. A empresa também atua no **transporte** e na **logística de insumos agrícolas** por meio da subsidiária **Logfert Transportes**.

Entre os principais fatores macroeconômicos que impactam a operação da Heringer, estão:

- O **cenário agrícola** interno;
- O acesso ao **crédito rural**;
- Os **ciclos de safra** e programas como o **Plano Safra**, que influenciam a demanda por fertilizantes;
- Os **preços internacionais** das matérias-primas utilizadas na fabricação de fertilizantes (como ureia, fosfato e potássio), altamente sensíveis ao câmbio.

A empresa busca consolidar sua operação como fornecedora regional e confiável em um mercado dominado por multinacionais, sendo atualmente a única companhia de fertilizantes listada no **Novo Mercado da B3**.

A empresa em 2025

A Fertilizantes Heringer ensaia uma virada em 2025, com foco em rentabilidade, cautela operacional e perspectiva favorável diante da safra recorde no país. O investidor deve acompanhar a execução dos planos industriais, a dinâmica de preços das matérias-primas e a evolução das margens ao longo do ano. Veja no que ficar de olho:

- **Recuperação significativa no 1º trimestre**, revertendo prejuízo registrado em 2024;
- **Hibernação de três fábricas** diante da baixa viabilidade econômica, mas com planos de reativar a unidade em Paranaguá com apoio de investimentos do controlador Eurochem;
- **Movimentos nas matérias-primas**, com alta dos preços do cloreto de potássio (KCl), enquanto a ureia perde força e fertilizantes fosfatados se mantém valorizados devido à oferta restrita;
- **Perspectiva de safra recorde**, estimada pela Conab em 330,3 milhões de toneladas de grãos (alta de 10,9%), vem favorecendo a demanda por fertilizantes;
- **Fertilizantes Heringer (FHER3) anuncia novo CEO após renúncia:** Rodrigo Horta Dias, ex Hidrovias do Brasil e Eurochem Brasil, assume a companhia até 2027.

Terra Santa (LAND3)

Nome da companhia: Terra Santa Properties Agrícolas SA | **Ticker:** LAND3 |
Segmento principal: Arrendamentoe gestão de propriedades agrícolas | **Valor de mercado:** R$ 985,36 milhões
Estrutura acionária: *Bonsucex Holding: 49,03%; Laplace Investimentos: 23,01%; Gávea Investimentos: 6,86%; Mark Kaminitz: 5,32%; Tesouraria: 0,02%; Outros: 15,76%*

A **Terra Santa** é uma **gestora de propriedades rurais** fundada em 2003, com foco em arrendamento e desenvolvimento de agronegócio no Mato Grosso, e é a primeira empresa listada na B3 com fim exclusivamente imobiliário rural.

A companhia possui **7 fazendas**, as quais são arrendadas para produtores de soja, milho e algodão. Essa estrutura permite participação na valorização de terras e geração de receita por meio de contratos de longo prazo.

No segmento agrícola, a Terra Santa se beneficia da expansão da área cultivada e da crescente demanda global por grãos brasileiros. Fatores macroeconômicos relevantes incluem:

- A **cotação do dólar**, que influencia os preços dos produtos exportados;
- O **desempenho das commodities**; e
- O **ambiente regulatório** e **climático** do Mato Grosso.

A empresa em 2025

Com modelo de negócio voltado à gestão e valorização de terras agrícolas, a Terra Santa segue com foco na geração de receita via arrendamentos e eficiência financeira. Veja no que ficar de olho:

- **Cinco das propriedades estão arrendadas por 25 anos**, fortalecendo a geração de receita recorrente proveniente de arrendamentos;
- **Reavaliação patrimonial em 2025** da SLC Agrícola reduziu o valor total das terras para R$ 2,76 bilhões, contra R$ 2,99 bilhões em 2023, refletindo queda nos preços da soja;
- **Dependência de receita de arrendamento**, especialmente com grande concentração na SLC Agrícola, pode limitar o potencial de crescimento operacional acelerado;
- **Sensibilidade a fatores climáticos e econômicos.**

M. Dias Branco (MDIA3)

Nome da companhia: M. Dias Branco S.A. | **Ticker:** MDIA3 | **Segmento principal:** Alimentos processados (massas, biscoitos, farináceos) | **Valor de mercado:** R$ 8,58 bilhões | **Estrutura acionária:** | *DIBRA – Fundo de Investimentos e Participações: 63%; Outros: 12%; Free Float: 25%*

Fundada em 1936 em Fortaleza (CE), a **M. Dias Branco** é líder na **produção de biscoitos e massas** no Brasil, com participação de cerca de 26% e 25%, respectivamente, nos mercados domésticos.

A empresa se desenvolveu por meio de aquisições – incluindo **Adria, Vitarella e Piraquê** – e verticalizou sua operação ao incorporar moinhos de trigo e unidades de margarina, expandindo também para snacks,

cookies e alimentos saudáveis. Atualmente, conta com **22 marcas no portfólio**.

A companhia conta com uma extensa capilaridade: **21 indústrias ou complexos industriais**, sendo que sete deles possuem estruturas de moinho de trigo. Além disso, conta com **29 centros de distribuição**, em diferentes Estados que possibilitam a presença em todo o território nacional, e o apoio à exportação para **mais de 40 países**.

Entre os fatores macroeconômicos que afetam seus resultados, estão:

- Os **preços das commodities alimentícias** (trigo, óleo de palma e cacau);
- O **câmbio**, que impacta insumos importados; e
- O **consumo doméstico**, influenciado por renda e dinâmica do varejo.

A empresa em 2025

A companhia vem enfrentando um ano de ajustes operacionais e financeiros, em meio a custos elevados e consumo pressionado. O investidor deve observar o impacto das estratégias de reestruturação e a recuperação de margens. Veja no que ficar de olho:

- **Pressão nos custos** por conta da alta no óleo de palma e da desvalorização cambial;
- **Despesas extraordinárias** com reestruturação (R$ 17,6 milhões), incluindo o fechamento da fábrica de Lençóis Paulista (SP);
- **Despesas administrativas cresceram abaixo da inflação**, sinalizando disciplina no controle de custos;
- **Cenário macro desafiador para o setor alimentício**, com inflação, dólar alto e custo agrícola elevado.

Hidrovias do Brasil (HBSA3)

Nome da companhia: Hidrovias do Brasil SA | **Ticker:** HBSA3 | **Segmento principal:** Logística - Transporte hidroviário **Valor de mercado:** R$ 4,88 bilhões | **Estrutura acionária:** *Ultrapar Logística Ltda.: 50,479% Alaska Investimentos: 18,865%; Pátria Infraestrutura IV FIP Multiestratégia: 5,770%; Outros: 24,886%*

A **Hidrovias do Brasil** é uma referência em **logística hidroviária** na América Latina, fundada em 2010 como alternativa mais eficiente e sustentável ao transporte rodoviário.

A companhia expandiu-se rapidamente para atuar em **4 rotas logísticas estratégicas:**

- Corredor Norte do Brasil;
- Hidrovia Paraguai-Paraná;
- Rota de cabotagem entre Porto Trombetas e Vila do Conde (PA); e
- Porto de Santos.

Sua frota é composta por **27 empurradores** e **mais de 300 barcaças**, além de operar em cabotagem costeira e em terminais portuários, dedicados ao escoamento de grãos, fertilizantes, minério e bauxita.

Do ponto de vista macroeconômico, a Hidrovias do Brasil é fortemente influenciada por fatores como:

- O **volume da safra** nacional;
- Os **preços de commodities** agrícolas e minerais; e
- **Investimentos em infraestrutura logística**, sobretudo em rodovias que afetam a concorrência com outros modais.

A empresa em 2025

A Hidrovias do Brasil combina bom momento operacional com plano de reestruturação financeira. O investidor deve acompanhar a conclusão do aumento de capital, a continuidade da recuperação dos corredores logísticos e os impactos das safras e clima nos volumes transportados. Veja no que ficar de olho:

- **Corredor Sul vem é destaque positivo**, beneficiado por maior navegabilidade e recuperação de volumes;
- **Corredor Norte com desempenho mais fraco**, com atraso na colheita da soja e mix tarifário desfavorável;
- **Projeção de Ebitda entre R$ 1,35 bi e R$ 1,5 bi para 2025**, com crescimento médio de 17,4% ao ano desde 2020;
- **Processo de desalavancagem financeira**, com perspectiva de redução significativa do endividamento;
- **Melhorias operacionais em dragagem e remoção de rochas**, além da venda de ativos não estratégicos como a operação de navegação costeira para bauxita, otimizando o portfólio da companhia;
- **Alta alavancagem ainda remanescente**, custos operacionais e desafios no Corredor Norte.

Rumo (RAIL3)

Nome da companhia: Rumo SA | **Ticker:** RAIL3 | **Segmento principal:** Logística ferroviária e portuária
Valor de mercado: R$ 33,94 bilhões | **Estrutura acionária:** *Cosan S.A.: 30,33%; Julia Arduini: 3,83%*
Administradores: 0,01%; Tesouraria: 0,22%; Free Float: 65,62%

A **Rumo** é a maior operadora de **logística ferroviária** do Brasil, resultante da fusão entre a **Rumo Logística e a ALL – América Latina Logística**, concluída em 2016.

Com aproximadamente **13.500 Km de linhas ferroviárias**, **1.200 locomotivas e 33.000 vagões**, a empresa atua no escoamento de grãos, fertilizantes e produtos industriais, por meio de uma malha que cobre os principais corredores logísticos do país, incluindo terminais nos portos de Santos (SP), Paranaguá (PR), São Francisco do Sul (SC) e Rio Grande (RS).

As ações da Rumo são diretamente influenciadas por fatores macroeconômicos e sazonais ligados ao agronegócio, como **volume da safra nacional**, os preços das **commodities** e o **câmbio**, fatores que influenciam a receita da companhia.

Além disso, a **concorrência com modais rodoviários**, os **investimentos públicos** em infraestrutura (como financiamentos para modernização das ferrovias) e o **acesso ao crédito** também são determinantes para o ritmo de expansão operacional.

A empresa em 2025

A Rumo enfrenta reflexos de um cenário climático adverso e logística agrícola atrasada, mas sustenta sua tese de crescimento com base em grandes projetos logísticos e disciplina operacional. Veja no que ficar de olho:

- **Perdas de receita nas Operações Sul e Norte**, com paralisações por desastres naturais e atrasos nas colheitas;
- **Medidas comerciais e operacionais para mitigar os impactos adversos do ambiente**, como ajustes de rota e racionalização de custos;
- **Redução de custos variáveis**, com menor transporte de açúcar por terceiros;
- **Investimentos em expansão da malha ferroviária**, com destaque para o **terminal BR-070** e o **projeto Greenfield Railway**, que visa conectar o centro produtor de grãos do Mato Grosso ao Porto de Santos, ambos progredindo conforme previsto, o que deve ser relevante para expansão futura;
- **Forte compromisso ESG**, mantendo-se incluída nos índices de sustentabilidade da S&P Global e da B3 (ISE).

TENDÊNCIAS

O que apontam o curto, médio e longo prazo?

O mundo impõe um novo ritmo.

A previsão da **ONU** (Organização das Nações Unidas) é que a população alcance cerca de **9,7 bilhões de pessoas** em 2050, um aumento que impactará diretamente na demanda por energia, água e alimentos.

Essa pressão abre espaço para países com capacidade produtiva e tecnologia — **e o Brasil desponta como uma potência agrícola nesse cenário.**

Dentro dessa transição global, entender o que pode influenciar o agro nos próximos anos é essencial para quem acompanha o setor de perto.

Cenário atual: força e resiliência do agro brasileiro

Mesmo em um ambiente de juros altos e custos pressionados, o agronegócio brasileiro segue firme. A safra de grãos de 2025 deve atingir **325 milhões de toneladas**, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) — mais um recorde que reforça o peso do setor na economia.

Na **Agrishow 2025**, a maior feira de tecnologia agrícola da América Latina, as **intenções de negócios somaram R$ 14,6 bilhões** em um novo recorde, mostrando que o produtor segue investindo, mesmo com crédito mais seletivo.

Além disso, algumas culturas vêm dando sinais de recuperação. É o caso do **café**, cujos preços vêm sendo puxados por clima adverso em regiões produtoras. A retomada do preço de exportação também ajuda a equilibrar margens, especialmente para produtores de médio e grande porte.

Ainda, a inovação cresce com o avanço das **startups agtechs** e o aumento do empreendedorismo rural, sinalizando um setor mais conectado, estratégico e preparado para os próximos ciclos.

Em contrapartida aos juros altos, muitos negócios buscam alternativas de financiamento privado, o que revela uma maturidade crescente no ecossistema agro.

Títulos como **Fiagros, CRAs, CDCAs e LCAs** ampliam o acesso a recursos fora do crédito bancário tradicional. O destaque foi para os **Fiagros**, que somaram o patrimônio líquido de **R$ 43,7 bilhões** em dezembro de 2024, com **crescimento de 315%** em relação aos 24 meses anteriores.

A procura por esses instrumentos mostra o apetite do investidor por ativos ligados ao campo, com lastros mais tangíveis e vinculados à economia real. O avanço dessas emissões também fortalece a estrutura de financiamento do agro, que se torna mais diversa e resiliente.

Fatores macroeconômicos que influenciam o agronegócio

Nos próximos anos, o agro seguirá impactado por variáveis macroeconômicas como **câmbio, juros, inflação e política fiscal.**

A **volatilidade do dólar** deve continuar, influenciada por fatores internos e externos, como taxa de juros nos EUA, fluxo de capitais e cenário político brasileiro.

O câmbio alto tende a manter a exportação competitiva, mas também pressiona os custos dos insumos importados, especialmente fertilizantes, combustíveis e defensivos.

A **inflação** segue afetando no aumento do preço da energia, do frete e da mão de obra e exige eficiência e gestão mais refinada da produção.

No **crédito**, a tendência é de uma Selic em patamar elevado no curto prazo, acima dos dois dígitos até 2028, segundo Boletim Focus. Os juros mais altos inibem os investimentos de longo prazo e limitam o acesso ao capital por pequenos e médios produtores, aumentando a importância do mercado privado como financiamento.

No **campo tributário**, a Reforma aprovada prevê a substituição de cinco tributos por dois (IBS e CBS), com transição entre 2026 e 2033. Mas o setor agro terá tratamento diferenciado, com pontos positivos:

- Insumos como sementes e fertilizantes terão alíquotas reduzidas;
- Produtores menores poderão optar por regimes simplificados; e
- As exportações permanecerão isentas.

Além disso, há uma agenda crescente de **investimentos públicos e privados em infraestrutura logística** (rodovias, ferrovias e portos) que pode reduzir custos de escoamento e aumentar a eficiência da cadeia.

No **mercado global**, a demanda por alimentos continua firme, impulsionada principalmente pelo crescimento da renda em países asiáticos e africanos.

A **China** segue como principal destino das exportações agrícolas brasileiras, especialmente de soja, carne bovina e celulose. Além disso, o Brasil tem ampliado o acesso a outros mercados relevantes, como **Vietnã, Indonésia, Turquia e Japão**.

O **contexto geopolítico** também influencia: tensões entre China e Estados Unidos, por exemplo, abrem espaço para que o Brasil se posicione como fornecedor estratégico e confiável. No entanto, o recente anúncio de tarifas de 50% por Donald Trump ao Brasil deixou o agronegócio brasileiro e outros setores em alerta.

Por outro lado, o setor enfrenta desafios ligados à **oferta abundante de commodities no mundo**, o que pode pressionar os preços, e há riscos como a desaceleração global ou políticas protecionistas.

Ainda assim, o agro brasileiro tem conseguido manter protagonismo, combinando escala, clima favorável e capacidade de resposta a novas exigências de mercado.

A combinação entre demanda internacional aquecida, diversificação de fontes de financiamento e avanços logísticos podem equilibrar os riscos macroeconômicos e sustentar a competitividade do agro brasileiro nos próximos ciclos.

Riscos climáticos e adaptação

As mudanças climáticas já fazem parte do dia a dia do agro. **As temperaturas médias globais seguem batendo recordes**. Esse cenário traz desafios para o agronegócio, que depende diretamente da estabilidade climática para planejar e executar suas safras.

Eventos extremos, como as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024, tendem a se repetir com maior frequência. As **chuvas mais fortes e irregulares** afetam não só a produtividade e planejamento de safra, mas também o armazenamento e a logística.

A safra 2024/25, por exemplo, já sofreu efeitos do clima severo em diversas regiões. Assim, projeções indicam que o cenário pode se repetir nos próximos ciclos, exigindo cada vez mais resiliência do campo.

Como resposta, o setor tem buscado soluções em três frentes:

- **Investimento em tecnologias adaptativas**, como sementes mais resistentes e irrigação inteligente;
- **Práticas de agricultura regenerativa**, com manejo de solo e cobertura verde; e
- **Maior integração entre clima, crédito e seguro rural**, para mitigar perdas financeiras.

O governo federal também avançou com a criação do novo **Plano Nacional sobre Mudança do Clima**, que estabelece metas e diretrizes para adaptação e redução de riscos no setor produtivo.

Dessa forma, a combinação entre tecnologia, gestão de risco e políticas públicas será fundamental para que o agro siga crescendo mesmo sob pressão climática crescente.

Tendências estruturais para 2030 e além

As projeções de longo prazo indicam que o agro seguirá como **um dos setores mais estratégicos** para o Brasil.

A **demanda global por alimentos, energia e água** deve crescer de forma acelerada, impulsionada pelo aumento populacional, urbanização e melhora na renda, especialmente em países da Ásia e da África.

Além do crescimento em volume, haverá mudanças na forma de produzir. O setor tende a se tornar mais **tecnológico, integrado e eficiente**, com destaque para práticas sustentáveis, automação, rastreabilidade e uso inteligente de dados.

Infraestrutura logística, armazenamento e energia renovável também devem ganhar protagonismo, junto à adaptação climática e à digitalização do campo. Essas transformações estruturais já estão em curso e serão decisivas para manter o agro brasileiro competitivo nas próximas décadas.

Para além do crescimento em volume, o agro passa por uma transformação profunda em seus fundamentos. Segundo relatório **"Visão 2030: o futuro da agricultura brasileira"**, da **Embrapa**, oito megatendências devem moldar o futuro do setor até 2030:

1. **Sustentabilidade no centro da produção:** temas como redução das emissões de carbono, conservação ambiental e biodiversidade ganham protagonismo, com pressão crescente por práticas mais sustentáveis em toda a cadeia.

2. **Adaptação às mudanças climáticas:** o clima imprevisível exige novas estratégias produtivas, com foco em resiliência, mitigação de riscos e redução de vulnerabilidades.

3. **Digitalização do campo:** tecnologias como inteligência artificial, sensores, 5G e automação tornam a produção mais precisa, integrada e eficiente.

4. **Intensificação e concentração:** a produção tende a se concentrar em áreas mais produtivas, com maior especialização, escala e uso intensivo de tecnologia.

5. **Transformações no consumo:** o consumidor valoriza e exige cada vez mais rastreabilidade, saudabilidade, ética na produção e impacto ambiental, o que exige transparência e adaptação por parte das marcas e produtores.

6. **Biorrevolução:** biotecnologia, edição genética, insumos biológicos e bioinsumos ganham espaço como soluções sustentáveis e de alto valor agregado.

7. **Integração de saberes e tecnologias:** o futuro do agro será construído de forma transdisciplinar, com colaboração entre ciência, tradição, tecnologia e gestão.

8. **Governança e novos riscos:** o setor precisará lidar com riscos mais complexos, como mudanças regulatórias, geopolítica, escassez hídrica e cibersegurança, exigindo estruturas de governança mais robustas.

Diante de um cenário em constante transformação, o agronegócio brasileiro combina tradição produtiva com capacidade de adaptação.

Entre desafios climáticos, avanços tecnológicos e novas exigências de mercado, o setor segue evoluindo e mostra que tem não apenas força para alimentar o país, mas também potencial para liderar o abastecimento global nas próximas décadas.





CONCLUSÃO

O Brasil é grande, e o agro é gigante

Muito além de um setor econômico, o agronegócio é o **elo invisível entre o campo e a cidade** — entre a produção e o prato. Estamos falando de uma cadeia ampla, interligada e essencial.

Soja e milho não são apenas commodities negociadas em bolsas, são a base de uma **engrenagem** que move a produção de proteínas, a indústria alimentícia e a bioenergia. Ou seja, um ecossistema com impacto direto no dia a dia da população e na saúde econômica do país.

À medida que a tecnologia avança, o campo se transforma: máquinas inteligentes, insumos de última geração, agricultura de precisão e manejo sustentável elevam a produtividade e reduzem perdas.

Cada colheita passa a ser resultado de estratégia, ciência e inovação.

Acompanhar esse mercado deixou de ser algo pontual e tornou-se uma **atitude estratégica**. Fatores como oferta global, demanda internacional, clima, preços das commodities, câmbio e política fiscal impactam diretamente os resultados das empresas do setor.

O agro já não é apenas fazenda: é infraestrutura, é logística, é mercado financeiro. Portanto, saber o que acontece no campo ajuda o investidor a tomar decisões mais conscientes, informadas e alinhadas com os movimentos da economia real.

Por isso, o **Money Times** mantém um olhar atento e dedicado ao setor por meio do **Agro Times**, um editorial feito para quem entende que acompanhar o agronegócio é também acompanhar o pulso do Brasil.

Com notícias, análises, entrevistas e dados, levamos ao leitor uma cobertura inteligente, acessível e relevante sobre um dos setores mais dinâmicos e estratégicos da economia nacional.

Acompanhe o Agro Times no **Money Times** e fique por dentro das tendências, análises e histórias que conectam o campo ao mercado.

AGROTIMES

CRÉDITOS

Redação

Mariana Pavão

Edição

Pasquale Augusto
Letícia Camargo

Direção de Jornalismo

Vinícius Pinheiro

Direção-geral

Marina Gazzoni

Design e Diagramação

Hudson Simonette